

Estudo analisa perfil de candidatos para 2002

Para o investidor estrangeiro, segundo trabalho feito pela Early Warning, Fernando Henrique Cardoso é a melhor opção no momento

Sérgio Prado
de Brasília

Fernando Henrique Cardoso é o preferido — do ponto de vista do capital estrangeiro — para ocupar a cadeira presidencial no terceiro andar do Palácio do Planalto, em 1.º de janeiro de 2003. Um estudo do cientista político Alexandre Barros, da consultoria Early Warning, revela que o atual presidente leva vantagens sobre seus possíveis oponentes a partir de critérios como o controle do déficit público e inflação, apoio de empresas multinacionais, oposição ao controle de preços, pragmatismo e credibilidade pública, entre outros de uma lista de mais de 30 itens. A seleção das variáveis foi feita de acordo com o que o empresário leva em conta, quando se trata de

pensar em investimentos no Brasil.

Barros reconhece, entretanto, que esse cenário é hoje pouco provável, pois a Constituição não permite uma segunda reeleição. A única saída seria o parlamentarismo, desejo intrínseco do tucanato, conversado veladamente pelos corredores palacianos em Brasília e que já cruzou fronteiras, faz tempo, indo parar nos meios políticos de Washington. Diante de uma perspectiva como a pesquisa atual, o governo trabalha pela reforma política e pela mudança do sistema de governo, dentro e fora do Congresso Nacional, sempre tendo o cuidado de que não pareça mais um casuísmo, como denuncia a oposição.

Mas o trabalho da Early Warning detalha ainda outros cenários políticos nos quais analisa a viabilidade

de candidatos que não o presidente Fernando Henrique. O “cenário 1”, assim chamado pelo estudo, diz que se as regras políticas forem mantidas, se a economia brasileira permanecer em recuperação até 2002 e os resultados da privatização começarem a ser sentidos pela população — na forma de preços mais acessíveis e serviços de melhor qualidade — o candidato natural seria aquele apoiado pelo presidente da República. Nesse caso, o estudo nomeia o ministro da Fazenda, Pedro Malan; o da Saúde, José Serra; o da Educação, Paulo Renato e os governadores do Ceará, Tasso Jereissati, e de São Paulo, Mário Covas.

O “cenário 2” levanta a hipótese da vitória de um “candidato moderado”, que não contaria com o apoio do

presidente e, ao mesmo tempo, seria uma opção a um nome do PT. As condições necessárias para isso, diz o estudo, são o descontentamento popular com o estilo FHC e o mau funcionamento da política econômica do governo. Os mais cotados, nesse caso, seriam o ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes, e o governador de Minas Gerais, Itamar Franco.

Outro cenário previsto no estudo, é a vitória de um candidato “esquerdista ou de uma coalizão socialista”. A análise não cita candidatos, mas afirma que, “por enquanto esta é uma situação improvável”.

Mesmo que não venham a ser candidatos em 2002, nomes como o de Pedro Malan, Marco Maciel e Antonio Carlos Magalhães fazem parte do estudo, pois são atores importantes na cena política atual e tem influência na escolha por parte do eleitorado, explica o cientista político. Com título de doutorado pela Universidade de Chicago e larga experiência no assunto, Barros acrescenta que seu trabalho não é prematuro. Segundo ele, desde já os investidores estrangeiros estão preocupados em fazer o seu planejamento estratégico. “É um instrumento para as empresas se planejarem diante da campanha e tentar influir no processo eleitoral.”

Tanto que o trabalho vai ser repassado aos interessados no exterior

As notas de cada “presidenciável”

(Do ponto de vista dos investidores estrangeiros; de 1 a 10)

Fernando Henrique Cardoso (PSDB)	9,56
Marco Maciel (PFL)	9,30
Tasso Jereissati (PSDB)	9,11
Pedro Malan (sem partido)	9,05
Antonio Carlos Magalhães (PFL)	8,68
Mário Covas (PSDB)	8,45
Ciro Gomes (PPS)	8,44
Roseana Sarney (PFL)	8,17
Fernando Collor de Mello (PRTB)	8,13
Paulo Renato (PSDB)	7,63
Jaime Lerner (PFL)	7,60
Jáder Barbalho (PMDB)	6,80
José Serra (PSDB)	6,59
Cristovam Buarque (PT)	6,56
Pedro Simon (PMDB)	6,47
Anthony Garotinho (PDT)	6,47
Renan Calheiros (PMDB)	6,21
Itamar Franco (sem partido)	6,11
Tarso Genro (PT)	4,46
Luís Inácio Lula da Silva (PT)	3,99
Olívio Dutra (PT)	1,61

Fonte: Early Warning. *Dentre os 34 critérios adotados para a avaliação de cada potencial candidato, estão: a capacidade para controlar o déficit público, a inflação e os preços, ter credibilidade pública, apoio dos investidores estrangeiros, ser favorável às privatizações, capacidade de liderança no Congresso, entre outros.

por intermédio da Câmara de Comércio Brasil Estados Unidos e pela empresa CG-LA de Washington, especializada em infra-estrutura. O levantamento vai interessar, prossegue o cientista político, ao investidor externo, que ainda não está no País. Mas serve também de baliza para as empresas multinacionais, que tem filial no País, e precisam programar suas estratégias de médio

e longo prazos, diante do processo sucessório nacional.

Pelo menos outros cinco levantamentos como este estão previstos até a eleição para presidente, afirma Barros, integrante do Fórum Empresarial Brasil — ligado à revista The Economist —, com pares espalhados em 28 cidades de diferentes países como Santiago, México, Sidney, Caracas e Hong Kong.